
**Prospecções Filosóficas: Platão,
Aristóteles, Estética, Hermenêutica
e Teologia. Chapecó: Editora Argos,
2012, 237p.**

Fausto dos Santos Amaral Filho

Autora da resenha: Maria de Fátima Rodrigues Pereira

Doutora em História e Filosofia da Educação - UNICAMP

Programa de Mestrado e Doutorado em Educação - Universidade Tuiuti do Paraná

Num mundo que se rege fundamentalmente pelo imediato, o pragmático, o lucro a todo o custo, a produção descartável, ainda cabe o pensar filosófico? Ainda cabe uma coletânea de textos cuja produção levou “uma década [e esta empreitada] regida pelo espanto” (p.11)? Ou, até porque somos todos os dias tomados pela banalidade do mal, pela vida administrada, regulada pela burocracia que se apresenta sem endereço de pai e mãe, é que se faz ainda mais pertinente o pensar vagaroso, que expressa admiração pela vida e pelos homens, abrindo janelas para a possibilidade do risco e da teimosia corajosa que ao mesmo tempo explica a vida e instiga a fazê-la? Pois, é neste último desígnio que entendo que cabe a obra de Fausto dos Santos que ora a Editora da Unochapecó lança no mercado editorial e aqui se resenha para que os leitores dela se acerquem e a degustem tal qual um banquete que não se esquece.

É, afinal, com o objetivo de descobrir o encoberto e nisto deleitar e instrumentar o leitor que Fausto dos Santos incursiona em quatorze textos, com auxílio do pensamento filosófico clássico, pela linguagem, estética, hermenêutica e teologia.

Com esse desígnio, apresenta no primeiro capítulo que intitula: *Os gregos e a episteme* –, a instauração, entre os gregos antigos, da linguagem epistémica, remetendo a Platão, em sua obra *República*, a preocupação com o conhecimento e método de investigação e a Aristóteles, no *Órganon*, a instauração da identidade entre forma e conteúdo, entre lógica e ontologia e assim a procura da verdade sobre as coisas.

No segundo capítulo que nomeia de *Linguagem: uma questão Aristotélica*, Fausto dos Santos discorre, ainda, sobre a relação da linguagem e as coisas. Considerando o trabalho de Aristóteles, o debate e o distanciamento deste com os sofistas, enfrenta a natureza do que religa o ser e sua revelação pelo logos.

Em: *O poeta e o filósofo: as origens de um conflito originário*, que compõe o terceiro capítulo, o autor, mais uma vez, retoma a sempre e atual questão da linguagem poética e da política, ou a oposição entre o mythos e o logos, da passagem de uma Grécia Antiga guerreira, à Grécia Clássica que inventa a democracia, a pólis e a política.

No quarto capítulo – *Para tentar compreender a conversa do filósofo* – somos apresentados aos objetivos do próprio filosofar, a instauração do diálogo e, como tal, à possibilidade de aproximação com o poeta, e à ausência de margens delimitadoras desses afazeres humanos.

Após ter-se dedicado aos elementos históricos - lógicos - simbólicos da linguagem, Fausto dos Santos nos apresenta, em quatro textos, suas prospecções sobre Estética: *Estética: uma introdução à Filosofia; A caminho da*

Estética; O abuso da arte ou ainda a arte do abuso; O platonismo estético de Gottlob Frege. Nestes escritos recoloca, também, a arte nos afazeres humanos enquanto possibilidade de exceder a vida natural e, *portanto*, reinventar seu télos.

Os três textos que compõem o terceiro conjunto são dedicados à hermenêutica. No primeiro – *Hermenêutica: o que é isto, afinal?* Fausto dos Santos interroga o que cabe à hermenêutica, para que se tenha que a tarefa da hermenêutica é de interpretar, descobrir o sentido dos textos, das frases, de compreender no outro a nós mesmos. No segundo e terceiro textos, respectivamente – *Paul Ricoeur e a tarefa da hermenêutica ou ainda Paul Ricoeur e a hermenêutica da tarefa*; e, a *Lógica dos Princípios* o que o autor persegue é, ainda, a compreensão em Ricoeur de que “quem eu sou e como sou só pode ser compreendido ‘pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras da cultura’” (p.174). E ainda: – “Se a lógica assume a prioridade no acesso à realidade, é porque se pressupõe que, de alguma forma, os princípios que a regem são como que a *contraface* dos princípios que engendram a realidade” (p. 181).

O último núcleo formado por três textos é dedicado em *Poética bíblica de Paul Ricoeur: um breve breviário*, ainda, à linguagem. É a relação da oralidade e da escrita, da prosa e da poesia que ocupa o autor.

Nos textos derradeiros: *Na esteira de Xénofanos: as raízes onto-teológicas da filosofia* e em *Doutrina Social da Igreja e o princípio personalista*, o que Fausto dos Santos persegue entender são os princípios e causas das coisas existentes.

Deste modo, o autor expõe a necessária insubmissão ao mundo administrado e descartável!
